

A Primavera dos Faraós

Vasco Rato

Professor de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Lusitana de Lisboa.

Resumo

Considerados os casos da Tunísia, Egito, Bahrein e Líbia, este artigo aborda os processos de contestação popular que ficaram conhecidos como a “Primavera Árabe”. Analisam-se as razões que levaram à crise dos regimes autoritários da região e as estratégias delineadas pelas elites como resposta à mobilização oposicionista. Face à contestação de 1970 no sul da Europa, alastrou para a América Latina, a Ásia e, em finais dos anos 1980 para a Europa Central, os autocratas responderam através de uma de duas estratégias de sobrevivência: a cooptação ou a repressão. Verifica-se que os regimes que utilizaram um grau elevado de violência aumentaram as suas probabilidades de sobrevivência. Porém, como ilustram os casos de Hosni Mubarak e Ben Ali, removidos da chefia do Estado porque perderam o apoio das suas respetivas instituições militares, as forças armadas foram atores determinantes ao longo da “Primavera Árabe”.

Abstract

The Spring of the Pharaohs

Analyzing the cases of Tunisia, Egypt, Bahrain and Libya, this article considers the popular uprisings that came to be collectively known as the “Arab Spring”. The reasons underpinning the crisis of the Arab authoritarian regimes and the strategies undertaken to respond to popular opposition are also considered. Cooptation and repression were the dominant elite strategies, both designed to assure the survival of authoritarian rule. Regimes opting for a high degree of violence increased their chances of survival. As the Egyptian and Tunisian cases clearly illustrate, the role of the armed forces was a determinant factor in explaining the outcomes of the “Arab Spring”.